

Estradas e caminhos da antiga França*

Paul Vidal de La Blache

Senhores,

Somos freqüentemente levados a nos lamentar, quando tentamos penetrar no passado da França, que não possuímos sobre ela um número muito grande deste gênero de documentos que chamamos de itinerários, ancestrais mais ou menos longínquos dos nossos guias de viagem. São livros cujo objeto prático força a sermos precisos, e que, quando não consentem em serem demasiado áridos, são férteis em ensinamentos instrutivos. Alguns foram bem conservados, mas não o bastante para satisfazer nossa curiosidade. Como seria interessante seguir o peregrino sobre a estrada onde, de santuário em santuário, de relíquia em relíquia, exalta-se o caminho exercendo sua piedade, à espera que ele alcance o objetivo final de sua devoção! O comerciante nosalaria, à maneira de Balducci Pegolotti, dos hábitos dos países que ele freqüenta, dos perigos, das precauções a tomar para garantir sua segurança. Nós seguiremos de bom grado os curiosos à espreita das “singularidades”, monumentos, curiosidades naturais que, na França, se oferecem em grande número pela estrada. Essa seria uma circunstância preciosa sobre um ângulo da vida de outrora, aquela própria circunstância cuja compreensão é dificultada pelos nossos hábitos: os modos de viagem; as diversas mobilidades³ que, seguindo os tempos e os lugares, impulsionam os homens a ultrapassar seus horizontes; o espírito que os inspira na observação do mundo exterior.

Sob o nome de Gália ou França, nosso país foi sempre uma zona⁴ de grande circulação. Neste sentido, um fato que não pode deixar de ter significado é que a Gália tinha sua própria medida itinerária, a légua, que servia mesmo diante da milha romana. Lembremo-nos desta impressão de um escritor grego que descrevia os habitantes reunidos na estrada, à espreita, para aprender e comunicar as novidades? É permitido acreditar que as qualidades de curiosidade e de sociabilidade que nossos

* No original: “Routes et chemins de l’ancienne France”. Palestra proferida em 1902 na Sorbonne, por ocasião do Congresso Nacional das Sociedades Científicas. Publicada no ano seguinte no *Bulletin de Géographie Historique et Descriptive*, pp. 115-126, e republicada em *Strates* [on line: <http://strates.revues.org/document620.html>], n. 9, 1996-97 (Crises et mutations des territoires). Tradução: Guilherme Ribeiro e Rogério Haesbaert. Agradecemos a Sylvain Souchaud pelo auxílio em algumas expressões.

³ “Mobiles” em francês. (N. T.)

⁴ “Contrée”, em francês, que em outros momentos será traduzido também como área e região. (N. T.)

ancestrais experimentavam se ligavam aos hábitos, hábitos estes que, por sua vez, não existiriam sem relação com as condições geográficas da região. Tal é, em substância, a idéia que eu queria propor à reflexão do sábio auditório diante do qual me é concedida a arriscada honra de falar.

Havia — é o que importa constatar de início — grandes vias que atravessavam a região de uma extremidade a outra. Se nós combinarmos com as informações fornecidas pelos guias ou itinerários o que podemos tirar de textos não menos dignos de fé, distinguimos bem quais eram as principais direções segundo as quais circulavam, através da França, as correntes de vida geral. Elas são conformes às linhas fundamentais da estrutura da região. Elas nada mudaram no decorrer dos séculos.

Uma dessas vias é aquela que, do Mediterrâneo ou dos Alpes, dirige-se para a *Champagne* e o mar do Norte. É a via comercial por excelência. Desde que um primeiro raio de história brilha sobre nosso país, vemos pelo vale do Ródano e do Saône encaminharem-se os comerciantes, organizar-se a corporação dos barqueiros e dos serviços de transporte, cobrar-se o pedágio e, consequência natural, eclodirem disputas. Feiras famosas se repartem sobre esta via de trânsito: elas se instalam em Beaucaire, sobre as pradarias à beira do Ródano, na desembocadura do Languedoc; elas começam a fortuna de Lyon; animam as cidades ribeirinhas do Saône. Conhecemos, enfim, estes célebres encontros de Troyes, Arcis-sur-Aube, Provins, Lagny, onde se mantinham, nos séculos XII e XIII, os principais pilares do comércio da Europa.

Mas Paris, por sua vez, exerce uma atração que vai crescendo. Ao norte da cidade, pelas planícies descobertas que parecem estender-se sem fim e que permitem evitar o máximo possível a vizinhança suspeita das florestas, corta a estrada de Flandres. Ela dirige-se para Crépy-em-Valois, Roye, Péronne, Bapaume. É uma via tanto política quanto comercial. Por ela circula uma corrente muito intensa que, no século XIV, aproximou as turbulentas comunas flamengas à “boa cidade” [*bonne ville*] de nossos reis.

Em direção ao sudoeste revela-se um outro aspecto do passado. Tours, Poitiers, Saintes, Blaye são as etapas de uma espécie de via sagrada. Ao longo desta estrada sucedem-se os mais antigos santuários da Gália: Saint-Martin, Saint-Hilaire, Saint-Eutrope. É o itinerário que seguem os peregrinos que vão a Santiago de Compostela, “o caminho de Santiago” [*le chemin de Saint-Jacques*], como ainda é denominado o trecho entre Poitiers e Saintes. Temos a vantagem de possuir sobre esta rota um guia bem desenvolvido, redigido, sem dúvida, no século XII. Como foi um *Poitevin* que o escreveu, temos a impressão de surpresa que um francês da língua *d’oil* experimentaria nesta época após ter passado a Gironda. Já em Saintonge o dialeto parecia ter “algo de rústico”: em Bourdeaux, a mudança é bem mais sensível. Mas ele encontra os epítetos de sua escolha para apreciar “o pão branco” e o “vinho vermelho” da terra gascã.

Lendo tais escritos e vendo este fluxo regular que conduzia sem cessar ao longo das mesmas rotas os viajantes que partilhavam a mesma imaginação, compreendemos como certos nomes famosos aí se localizaram: Charles Martel, Carlos Magno, Roland. A estrada foi semeada de seus vestígios. Sua lembrança materializar-se-ia em tal objeto ou em tal relíquia. Assim compunha-se uma espécie de geografia legendária, cujas maravilhas, passadas de boca em boca, espalhava-se longe. Teria penetrado assim até Domrémy, às margens do rio Meuse? O certo é que entre Tours e Poitiers se encontra o santuário de Santa Catarina, onde Joana D'Arc procurara a espada de Charles Martel.

Temos prazer, então, em evocar, sobre estas velhas rotas, os sentimentos daqueles que as percorreram. Elas personificam-se, assim, em nosso espírito. Sobre elas paira um rastro de lembranças que vão, é verdade, se apagando, e que em breve existirão apenas na alma dos historiadores arqueólogos, ou no eco agonizante de alguma tradição popular. Contudo, deste passado do qual se esquece muito rápido, as rotas são um dos traços mais vívidos. Mesmo quando seu tempo já passou e o mato as invadiu, seus nomes sobrevivem sob uma das diversas etiquetas com que a imaginação popular as têm designado. Elas continuam a servir de limite entre propriedades ou comunas, e é nestas ínfimas funções que, como um gigante destronado, elas prolongam de maneira obscura suas existências através da topografia atual.

Mas, ao redor destes caminhos de povos, destas grandes vias históricas das quais desenvolvemos apenas algumas de suas feições, restava a maior parte do território da França. É uma minoria dos *pays*⁵ da França que via passar os bandos de peregrinos, mensageiros, comerciantes. Qual seria a condição daqueles cuja situação os colocava à margem das grandes correntes de circulação geral? Como eles participavam do movimento e da vida?

O que nos impressiona hoje, quando, com a ajuda de textos ou de mapas antigos, conseguimos pouco a pouco reconstituir a antiga fisionomia de nossos velhos *pays*, é o quanto, na sua maior parte, revela-se fortemente a marca local. Doravante, nossos olhos, habituados à uniformidade geral que acaba por não mais nos incomodar nem surpreender, reencontram ali, em todos os hábitos da vida, a expressão de um ambiente especial. Não há casas de pedra ali onde a pedra de construção não é mais encontrada. Na rudeza informe de seu tipo, a casa raramente mostra sua subordinação aos materiais do solo. Mobiliário, linho, vestimentas, sem falar no penteado das mulheres – este último vestígio de originalidade cujo desaparecimento marca o fim dos antigos costumes, tudo manifesta o caráter do *pays*. Em todo lugar se exprime a preocupação de produzir localmente tudo o que é necessário, e isto

⁵ Preferimos não traduzir “pays”, pois “país” ou “região”, as palavras mais próximas em português, não têm a conotação específica de “pequena região” empregada por La Blache e já legitimada na linguagem geográfica. (N. T.)

implica muitos esforços para dominar a natureza. Sem dúvida, o camponês necessita apenas abrir picadas nas linhas de floresta que originalmente limitavam seu horizonte quase por todo lado. Entretanto, mesmo após os desmatamentos do século XII, essas picadas desmatadas ainda são suficientemente extensas para parecerem isolá-lo do mundo exterior.

Pergunta-se então como, quando a influência do mundo exterior parece ausente dos objetos, ela poderia mostrar-se nos espíritos. Ou, quem sabe, ela penetraria somente sob a forma de uma noção vaga, revelando apenas indiferença ou hostilidade? Este sentimento que existe ao nosso redor, longe de nós, as populações com as quais temos interesses comuns, cujas necessidades estão ligadas às nossas e cujos perigos podem nos alcançar, não é daqueles fáceis de fazer germinar no espírito dos homens quando a natureza não lhe abriu caminho. Este sentimento resiste à coação, e resulta apenas de experiências múltiplas e familiares que, sem esforço e quase que inconscientemente, dão-lhe crédito e o enraizam.

Estaríamos certamente expostos a desnaturalizar a verdade se, na idéia que fazemos da antiga França, não levássemos em conta a força do ambiente local. Mas não seria menos errôneo imaginar essas populações como que paralisadas em seus ambientes. Há no solo francês uma multidão de impulsos naturais estimulando as relações entre os homens. Os textos outrora citados não são diretamente confiáveis, mas se considerarmos os testemunhos tirados da própria vida, e sobretudo aquele que envolve todos os outros, o testemunho dos lugares, descobrimos um animado espetáculo. Uma série de correntes locais coexistem com as correntes gerais que abordamos há pouco. É assim que vemos, em um rio, os redemoinhos, os turbilhões e os movimentos se entrecruzarem em diversos sentidos e se combinarem com a corrente que põe em movimento a massa.

Os transportes, é verdade, encontrariam dificuldades em que se acomodariam mal nossos hábitos modernos. Mas os homens se mobilizam mais cedo e mais rapidamente que as coisas. O homem é, por sua natureza, um ser imaginativo, que o próprio arado não fixa imutavelmente ao terreno. A satisfação que os pastores experimentam ao se deslocarem e os montanheses ao retornarem, no verão, às altas pastagens, o camponês experimenta, à sua maneira, ao frequentar feiras, mercados, encontros periódicos dedicados às suas necessidades de sociabilidade e comércio.

Todavia, convém mesmo retificar aqui nosso ponto de vista. Os meios de transporte dos quais nos dotou a vida moderna nos fazem depreciar demais aqueles que outrora permitiam a circulação. Para compreender o passado, é preciso observar os *pays* onde eles ainda se mantêm: as montanhas, por exemplo, último refúgio onde subsistem os vestígios do arcaísmo ao qual nosso tempo foi, por todo canto, mortal. Aí pode-se julgar os serviços possibilitados pelos modestos caminhos de antigamente. Sem dúvida, belas estradas carroçáveis atravessam nossos Alpes e nossos Pirineus mas, nas malhas passavelmente espaçadas desta rede, que importante papel continuam a jogar, para os deslocamentos freqüentes exigidos

pela vida montanhosa, estes numerosos caminhos tropeiros que não descartam nenhum declive, que ousadamente rodeiam as alturas e às vezes margeiam os precipícios! Entre as vilas perdidas junto ao limite das culturas, entre estas culturas e as pastagens vizinhas aos cumes, são eles que asseguram as comunicações. E, por mais íngremes e rudes que possam parecer para nossos pés de cidadãos, não se pode percorrê-los sem experimentar um sentimento de admiração pela ação industriosa desses montanheses que, por eles próprios, têm sabido criar, para seu uso, esta múltipla rede.

Não eram de modo algum mais fáceis aqueles caminhos que sulcavam nossos *pays* xistosos ou graníticos do oeste e do centro. Nestes caminhos encaixados ou *escavados*⁶, arborizados, cobertos de *chirons* ou saliências pedregosas, cavados pelas rodas dos carros onde arrisca-se a « ficar atolado »⁷, seguindo a velha expressão do Oeste, seria necessária e bem-vinda a carga de cal ou de terra, portada pelos animais, destinada a corrigir o solo muito pobre ! As marcas cobertas de ervas e viscosas dos terrenos de argila, os caminhos enlameados dos siltes da Picardia ou do Lauraguais languedociano, tais eram, entre outras, as dificuldades com as quais se deparavam as operações quase-cotidianas da vida agrícola, e que nem por isso as descartavam.

Entretanto, além da frequência habitual, estes caminhos eram animados periodicamente pelo vai-e-vém daqueles cujas necessidades da vida lançavam, a cada ano, de um *pays* a outro. O objetivo, naturalmente, era os « bons pays », onde a ceifa e a vindima ofereciam aos habitantes das áreas de solo pobre ou tardio, como Bocains, Morvandiaux, gente do Vôge, de Argonne e de Thiérache, uma oportunidade de salários e de lucros. O mês de agosto trazia regularmente os *aouters* ou *ousterons*⁸. E eles retornavam em seguida, “galhardos”, como disse um poeta rústico do século XVI, para suas terras frias, onde suas colheitas haviam tido o tempo de esperá-los. Os felizes habitantes dos *bons pays* viam chegar periodicamente os miseráveis dos “*pays bocageux*”. Isto tinha o efeito de uma espécie de reconhecimento. Eles se afirmavam por este contraste, no sentimento de superioridade satisfeita do homem que vive sem nada tomar de empréstimo do outro, de um solo capaz de suprir todas as suas necessidades. Este sentimento incrustava-se na psicologia do camponês. Fora isso, o fato de alguma expressão zombeteira aparecer em seus lábios, isso era normal; proliferavam provérbios entre estes antigos *pays* da França. Quando o *tourangeau*⁹ Rabelais quer pintar a miséria de Panurge, ele encontra facilmente expressões populares das quais ele toma a

⁶ “Cavées”, grifado no original. (N. T.)

⁷ “s’emmoler” no original (expressão popular da época). (N. T.)

⁸ Grifado no original. “Aouters” seria algo como “agosteiros”, “aqueles do mês de agosto”. “Ouste!”, por sua vez, de onde deve provir “ousterons”, significa “Fora!”. (N. T.)

⁹ Proveniente da Touraine ou da cidade de Tours. (N. T.)

comparação expressiva que necessita: « tão atrapalhado », diz ele, « que parecia um colhedor de maçãs do *pays* de Perche ».

Muitos desses deslocamentos ainda ocorrem, mas adaptados aos novos modos de transporte, submergidos, por assim dizer, nas correntes gerais que hoje se misturam com e agitam todas as nossas populações. Há uma diferença essencial entre os fenômenos atuais e estes movimentos de outrora; estes, mais individuais em seu modo de agir, intimamente associados, a título de complemento, às ocupações ordinárias da vida, colocam nitidamente em relevo a personalidade daqueles que eles põem em relação. Eles não eram desses que podemos acusar por destruir os laços com o solo; ao contrário, tendiam apenas a consolidá-los, ao combinarem-se com a maneira local de viver. Assim que o montanhês dos Vosges ocupava a *morte saison*¹⁰ para tecer, seja com o cânhamo comprado, seja com aquele que ele pudera cultivar em um pedaço de boa terra particularmente cuidado, ele esperava apenas que um raio de sol permitisse estendê-los sobre a relva e lavá-los em água corrente: então, tomava o caminho da planície para aproveitar o trabalho no qual haviam colaborado todos os membros da família. Cabe-nos representar a cena, sob as arcadas destes mercados cobertos, como vemos em algumas pequenas vilas lorenas, no sopé dos Vosges.

Os deslocamentos de longa distância partiam dos *pays* de criação de gado. Os obstáculos, aqui, não contavam, pois as mercadorias eram do tipo que se transportam por si mesmas. Sobre as encostas dos Alpes da Provença, de Cévennes, dos Pirineus, subsistem ainda as pistas impressas pelo pisoteio dos rebanhos de carneiros transumantes. « É preciso ver », diz o poeta de Mireille, « esta multidão se desenvolver no caminho pedregoso, *s'esperlunga dins la peirado!* »¹¹. Estas vias conservaram os antigos nomes que serviam para designá-las, *drailles*¹² caminhos de *ramade*. Vossos trabalhos, senhores, serviram para fazer conhecer estes *passeries*¹³ periódicos que, pelos contratos aos quais eles dão lugar, não têm contribuído pouco para colocar em relação os diferentes cantões dessas montanhas.

Mas as relações mais importantes, porque respondem mais diretamente a necessidades recíprocas, seriam aquelas intercambiadas entre o Maciço Central e as planícies que o confinam ao sul e a oeste. O Auvergne cria raças bovinas; o Languedoc, o Poitou precisam delas para suas lavragens. Regularmente, assim, em direção a outubro, das pastagens de Salers nos limites de Charente chegava o gado que a agricultura poitevina demandava, em função da impossibilidade de criá-los

¹⁰ Estação durante a qual a terra não produz, ou tempo durante o qual há menos trabalho que o habitual. (N. T.)

¹¹ Grifado no original. (N. T.)

¹² Segundo o Dicionário Larousse, do franco-provençal "drayo", caminho, utilizado para designar os caminhos utilizados pelos rebanhos durante a transumância. (N. T.)

¹³ Grifado no texto. (N. T.)

em seus secos planaltos calcáreos. Feiras eram organizadas para corresponder a estas “passagens” de auvergneses. Nem sempre era mesmo uma cidade ou uma vila que servia de ponto de encontro para estas transações. Um ponto, uma encruzilhada de rotas, qualquer local designado e fixado pela tradição, reunia em um dia determinado vendedores e compradores. Isto explica a razão de ser de um certo número de *lieux-dits*¹⁴ que, sem serem habitados, subsistem na nomenclatura geográfica. Habitualmente vazios, eles se animam quando chega a data determinada, cada um por seu turno. Há aí, sem dúvida, para aqueles que estudam os diversos fenômenos de agrupamento humano, um tema de curiosidade e de pesquisas. Parece que encontramos, nestas relações intermitentes, alguma analogia com certos *pardons*¹⁵ da Bretagne, ou *panéguries* da Grécia. Em todo caso, o interesse a retirar deste gênero de *lieux-dits* merece ter a atenção destacada pelos homens de estudo.

As montanhas e os *pays* de solo pobre forneciam seus principais contingentes ao exército ambulante que sulcavam as estradas de nosso país. O exercício especial de algum ofício era um expediente a que se iria invocar nas diversas áreas onde este talento poderia encontrar seu emprego. Mais de uma localidade conserva ainda em um atributo incorporado ao seu nome a lembrança do ofício que era outrora como sua assinatura. Do Jura partiam veículos transportadores de mercadorias renomados por sua agilidade ou sua força; de Morvan, os carreteiros “seguiram *en galvache*” em direção às fundições de Nivernais; dos muleteiros ao costume pitoresco descendendo do Vivarais em direção ao vale do Ródano. O que mais eu sei? Bugey enviava os cardadores de cânhamo; Livradois, os velhos serradores; Bassigny, os fundidores de metais; Bocage normando, os estanhadores etc. Eles se espalhavam por muito longe, e é assim que o nome de muitas de nossas províncias, propagado por eles, associava-se à idéia de um ofício característico nas províncias que eles favoreciam com suas visitas. Seria uma injustiça exigir uma rigorosa exatidão geográfica aos nomes de auvérnios [*Auvergnards*], saboianos [*Savoyards*], lorenos [*Lorrains*], gascões [*Gascons*], pródigos meio ao acaso da linguagem popular; eles designam aí a procedência aproximada daqueles cujo ofício conduzia periodicamente de uma extremidade a outra do reino. Mas são nomes muito vivos, aos quais se articula uma significação que podemos considerar mais ou menos amável e benevolente, mas que mostra que eles despertam nossa inteligência. Pode-se dizer o mesmo, em um círculo menos vasto, das máximas, dos apelidos e dos inúmeros provérbios que se intercambiam entre cidades, aldeias ou *pays*. As descrições geográficas da França que foram particularmente compostas em torno do começo do século XVII são matizadas de provérbios deste gênero. Sem conferir

¹⁴ Lugar que tem um nome particular.(N. T.)

¹⁵ Grifado no texto. Segundo o Dicionário Larousse, peregrinação religiosa e festa popular na Bretanha. (N. T.)

importância maior do que merece aquilo a que chamamos sabedoria das nações, é possível ver aí o indício de uma avançada familiaridade entre os que tinham o hábito de falar de forma mordaz.

Todos estes fatos nos transportam em um ambiente econômico que perdurou e desapareceu levado pelas transformações modernas, e que pertence definitivamente ao passado. Mas sua marca foi impressa sobre as relações, as rugas permanecendo sobre o caráter dos homens. Se nos limitamos, como convém aqui, a resumir os aspectos gerais, constatamos uma infinidade de relações de detalhe, nascidas de impulsos múltiplos, produzidas elas mesmas por contrastes geográficos. Vemos uma circulação menor que não se concentra em algumas vias principais, mas que penetra e se insinua por todas as partes. Com todas as linhas finas — das quais, seguramente, muitos escapam —, formou-se uma trama que envolve quase todo o conjunto da região. Estas viagens, estas migrações temporárias possuem o efeito de um vai-e-vem de um vasto formigueiro. Mas deve-se notar que todos estes movimentos elementares entram novamente nos quadros de uma vida muito impregnada de influências locais, contra a qual a ação das cidades poderia lutar apenas fracamente. O *pays*, no sentido estrito da palavra, restaria sempre, mesmo para aqueles que dele se afastavam, a unidade essencial, o termo de comparação a partir do qual eles julgariam os outros. A concepção de formas particulares de riqueza e de ganho que lhes havia impulsionado os acompanhava nos lugares para os quais eles se dirigiam. Eles mediam a importância dos acontecimentos pelo nível de transtornos que eles traziam para seus costumes. Esta circulação ativa que se desprende de uma base ainda marcadamente local não é uma das originalidades menos importantes da França de outrora.

Sem dúvida, ao retrair este quadro, não podemos esquecer que ele pode convir somente às épocas tranqüilas e felizes — e nossa história, sabemos, conheceu outras! Mais de uma vez, Jacques Bonhomme precisou fugir das estradas entregues aos bandos armados. Da mesma forma, não devemos desconhecer que havia partes remotas do nosso território que não alcançavam, ou alcançavam pouco, o movimento exterior. De algumas podemos dizer ainda que recém saíram de seu isolamento. Em um melancólico horizonte de *landes* e de bosques, suas populações permaneceram isoladas, vivendo como podiam e com muito pouco; reduzidas, muitas vezes, ao satisfazer às necessidades de existência, na manutenção das lagunas, recurso miserável que elas pagavam com a febre. Hoje, as culturas puderam melhorar, as casas possuem um aspecto menos pobre; ainda encontramos certos vestígios do passado, aqui e ali, por exemplo, nessa atitude difícil de definir que assinala a desconfiança arraigada marcada na fisionomia dos habitantes.

Todavia, apesar de algumas restrições que a verdade exige, elas não modificam a impressão de conjunto. A França é uma zona onde as partes estão naturalmente em relação, onde os habitantes têm aprendido desde cedo a se freqüentar e a se conhecer. E se relações cômodas são formadas entre eles, é porque as condições

geográficas têm, não apenas permitido, mas também provocado. Uma repartição harmoniosa de planícies em torno de um maciço, uma feliz combinação de rios e de passagens: eis as vantagens que foram assinaladas desde que as observações foram feitas sobre nosso país. Mas existem outras que, mais pressentidas que conhecidas, não exerceram menos sua ação sobre as gerações que se sucederam. Por efeito de numerosas vicissitudes que marcaram sua evolução geológica, esta área oferece uma variedade de terrenos que é muito rara. Nossas planícies se desenvolvem, dos Vosges até o mar, por zonas concêntricas em que cada uma aporta, com sua constituição própria, uma nova inscrição na paisagem. Em uma longa contiguidade, terrenos dotados de propriedades diferentes, convenientes a outras ocupações e a outras repartições de trabalho, se tocam, se relacionam, se combinam.

Também existem estes vales, os quais Karl Ritter já indicava como um dos mais felizes privilégios de nosso país. Através desta sucessão de terrenos variados, nossos rios, em geral, esculpiram profundamente seu leito para que os cortes de suas margens, as sinuosidades de seus meandros, seus aluviões, abrigassem culturas e, podemos dizer, uma vida diferente daquela dos planaltos que os circundam.

Assim, por todo lugar contrastes atenuados, mas cheios de vida. Esta justaposição seguida e repetida de diversos *pays*, planícies e montanhas, campanhas e *bocages*, planaltos e vales, parece aqui como um extraordinário princípio de influência sobre o homem. Em quase todo lugar podia ser visto, ao seu alcance, um gênero de vida que não era de modo algum o seu. Obtinha-se da vizinhança uma lição e um proveito. Encontrava-se próximo o que outros eram obrigados a buscar bem longe, sem a mesma certeza e com maiores riscos.

Temos hoje sobre nossos ancestrais a vantagem de conhecer cientificamente o que eles só podiam perceber de um modo incompleto e empírico. O relevo e o modelado do solo, a conformação geológica, estudados e figurados sobre os mapas em grande escala, fornecem-nos a chave de muitas relações das quais sentíamos os efeitos sem perceber as causas. Temos, enfim, o que Fontenelle definia, em 1720, por uma perífrase singular : « Tipos de mapas geográficos erigidos segundo todas as formas de conchas ocultas sob a terra ». A química agrícola estabeleceu seus métodos, e isto, por uma feliz coincidência, ao mesmo tempo que a transformação dos meios de transporte liberava o solo da necessidade de se submeter a culturas que pouco lhe convinham. Pode-se dizer sobre estes progressos que o que eles melhor trouxeram à tona foi a vantagem que a França tira da formidável variedade de seu solo ; vantagem que, se ela souber utilizar cientificamente, será seu melhor atributo na concorrência econômica que se divisa em nossos dias. Eles nos confirmaram na consciência desta verdade : que há algo de são e de equilíbrio na constituição geográfica da França.

Existiu um homem, no século XVI, que parece ter tido a intuição desses resultados futuros, vistos pela primeira vez, claramente, nas variedades do solo francês. Não era um sábio de profissão ; não era, dizia ele, « nem grego, nem

latino » : era um oleiro, um « inventor de rústicas cerâmicas » ; mas havia neste artesão um filósofo e um artista. Entre as questões que apaixonaram a curiosidade de Bernard Palissy, uma das quais ele atribuía maior importância, era, segundo sua expressão, « a diferença das terras e seus diversos efeitos ». « Eu não a conhecia », escrevia ele, « sem grande esforço e labor ». Vemos efetivamente, de acordo com os exemplos que figuram em seus tratados especiais, que é através de pesquisas pessoais nas áreas em que ele residiu, isto é, em Saintouge, na Gasconha, em Poitou, na Île-de-France, nas Ardenas e no *pays* do Meuse, que ele colheu suas observações. Em todo lugar, suas viagens e suas estadias se traduziam por observações tópicas, nas quais o sentimento da vida serve de guia à advinhação da verdade. Sonhando com suas descobertas e as conseqüências práticas que, ele sabia, eram grandes, o infatigável pesquisador lamentava, no fim de sua vida, por não ter podido estendê-las a outras províncias. « Se meu estado », dizia ele, « pudesse ser exercido peregrinando de uma parte a outra, eu poderia fornecer muitas observações sobre estas coisas, que muito serviriam á República ».

Eu finalizarei de bom grado esta palestra com estas palavras de Bernard Palissy. Elas mostram que valor este grande homem atribuía à observação direta, reproduzida do natural e exercida sobre os lugares. Esta forma de observação tem também seu emprego no estudo do passado. Provavelmente, em consideração a esta idéia, os Senhores me perdoarão por vos ter envolvido um pouco longamente sobre os grandes e os pequenos caminhos da antiga França. Como todos os que muito viram, estes caminhos têm muito a nos contar. Alguns nos contam, à sua maneira, a nossa história. Mas todos contribuem para nos representar um aspecto vívido do passado.

